

Zélia diz que FMI precisa ter a “mente aberta”

Ministra acha que o Fundo também vai se perguntar por que a inflação ainda resiste

BEATRIZ ABREU

BRASÍLIA — A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, disse ontem que não existe margem para aprofundar a política fiscal (ou seja, cortar gastos públicos) este ano. A expectativa é repetir o superávit de 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) de 1990 a partir de um melhor resultado das contas das empresas estatais e dos Estados e municípios.

As projeções para o desempenho da economia neste ano e uma retrospectiva das medidas e resul-

tados do primeiro ano de governo serão apresentadas pela ministra, terça-feira, no encontro com integrantes da missão do Fundo Monetário Internacional (FMI) que está no País. “É preciso que o Fundo olhe as contas brasileiras com open mind (mente aberta)”, disse a ministra, ao fazer uma avaliação positiva da sua viagem aos EUA.

Os contatos com o diretor-gerente do Fundo, Michel Camdessus, e com o presidente do comitê dos bancos credores, William Rhodes, foram importantes, segundo a ministra. Nesses encontros se desfez o mal-entendido de que o Brasil não estava interessado em negociar. “Foi disseminado que o Brasil não queria negociar e isso não é verdade”, comentou Zé-

lia. “Então, olho no olho, foi dito claramente que queremos negociar”, acrescentou a ministra, esfregando os dedos nos olhos, num sinal de cansaço pela longa viagem entre Nova York, Rio de Janeiro e Brasília.

Zélia interpretou como um “gesto de boa vontade” a aceitação de uma negociação em paralelo com o Fundo e banqueiros internacionais. Ou seja, não será necessário concluir um acordo com o Fundo para se avançar nas negociações com os bancos credores. “Se fosse ficar um esperando pelo outro, não sairíamos do lugar”, observou.

PRAZO

Embora entusiasmada com a possibilidade de centralizar a discussão não em metas rigorosas, mas na avaliação dos resultados do programa de ajuste da economia, Zélia acha que um acordo com o Fundo só sairá no prazo de três a quatro meses. E só então começará a negociação com o Clube de Paris.

Enquanto a missão do Fundo estiver no Brasil, o objetivo das conversas será apenas apresentar os resultados das políticas fiscal e monetária (controle de dinheiro em circulação na economia) e comprovar que o Brasil não alterou seu programa econômico. “Não se pode olhar apenas para metas”, insistiu a ministra, admitindo, no entanto, que ainda é cedo para se afirmar que o FMI abrirá mão da sua ortodoxia para aceitar um acordo no qual não figurem as chamadas metas nominais — que consideram o efeito da inflação sobre as contas dos países.

“Queremos que os técnicos olhem nossos números e se convençam de que no ano passado o governo brasileiro fez uma política correta”, afirmou Zélia. “Quando se convencerem, farão a mesma pergunta que todos nós fazemos: por que a inflação ainda resiste?”



André Dusek/AE

Zélia, em almoço com Eduardo Teixeira: não há mais gasto público para cortar